

Política não muda, reafirma Viacava

"O segundo semestre será melhor porque vai começar o plantio. Além disso, no segundo semestre as atividades são sempre melhores, mas para o setor automobilístico não há perspectiva brilhante, no mundo inteiro." A afirmação foi feita ontem pelo secretário-geral do Ministério da Fazenda, Carlos Viacava, que disse desconhecer qualquer estudo no sentido de reativar a economia.

Para Viacava, há necessidade de manter "a política econômica como está, porque está trazendo resultados tanto no combate à inflação quanto no ajustamento do balanço de pagamentos e na balança comercial". Ressaltou, contudo, que "isto não significa que não possamos ter ajustamentos". Embora considere "favoráveis" os resultados obtidos até agora, o secretário-geral do Ministério da Fazenda acha que 5% de inflação por mês é, ainda, um índice "muito alto".

Segundo Viacava, o desemprego preocupa o governo, mas "não é preocupante ao nível de alterar a política de combate à inflação e ajuste do balanço de pagamentos". "O diagnóstico e as medidas estão certas, os resultados estão aparecendo, mas ninguém tenha ilusão de pensar que se vai conseguir isto sem sacrifícios" — afirmou. Viacava acrescentou: "Vai ser um ano duro e de sacrifícios, porque temos que corrigir as distorções da econo-

mia, e isto tem um custo, como teria um custo, muito maior, uma inflação desenfreada e um colapso no balanço de pagamentos".

O secretário-geral do Ministério da Fazenda reconheceu que a situação de desemprego na região do ABC é "grave e complicada", mas destacou que "não é geral". "Não é em todo o País que está ocorrendo isto" — salientou. De acordo com Viacava, o governo não pode fazer nada para amenizar o problema, a não ser redobrar o esforço de exportação. Disse que continua discutindo com o Sindicato das Indústrias de Autopeças (Sindipeças) medidas de apoio à exportação do setor.

Para Viacava, se o Produto Interno Bruto (PIB) crescer entre 4 e 5%, este ano, o nível de emprego no País será mantido. "Para quem estava acostumado a um crescimento de 10% nos últimos anos, é claro que cair para 5% implica problemas e sacrifícios, mas só se pode resolver os problemas com um sacrifício geral do País", declarou.

GALVÉAS

Ao analisar a situação econômica, ontem, em conversa com os senadores mineiros Tancredo Neves (PP) e Murilo Badaró (PDS), o ministro da Fazenda, Ernane Galvás, admitiu que pouco adiantará o

governo promover mudanças no modelo econômico brasileiro para resolver a crise.

REBELIÃO

A crise, com o crescimento do desemprego, sobretudo na indústria automobilística, as previsões pessimistas do BNH sobre as dificuldades para o pagamento das prestações da casa própria e as declarações de um dos diretores da Fiesp de que "o pior ainda não passou", levaram ontem o líder do PMDB no Senado, Marcos Freire, a temer uma rebelião social.

A preocupação estendeu-se a outros parlamentares oposicionistas, como o senador Agenor Maria (PMDB-RN), para quem o retrocesso político será uma consequência natural da perda de credibilidade do governo. Ele acha até que a realização das eleições do próximo ano ou o seu cancelamento deixam de constituir assunto importante, diante da "gravidade do problema do desemprego e da fome".

O ex-líder oposicionista Franco Montoro fez uma denúncia: o governo está-se apropriando indevidamente dos recursos federais do Sesi/Senai, Senac/Sesc e, em consequência, essas organizações foram obrigadas a demitir um mil e 500 empregados, além de rebaixar os salários de outros.